

E a saúde continua mal

02 ABR 1998

Cícero Cândido Sobrinho *

A saúde no Brasil é um caso seríssimo há anos. E cada vez piora mais. De nada tem adiantado a troca de ministros, políticas oficiais, impostos específicos. Só nos últimos cinco anos, passaram pelo Ministério da Saúde seis ministros. Agora, o presidente Fernando Henrique nomeia o senador José Serra, economista de escol, mas neófito em política de saúde. É mais uma área social e econômica do governo neoliberal da aliança PSDB-PFL que passa para as mãos de um contador.

Um dos setores sociais mais sensíveis de qualquer nação que se queira considerar civilizada é a saúde pública. Mas quando ela é, como no Brasil, considerada outra área que deve ficar sob o enfoque dos economistas e sob a administração de cartilhas neoliberais como a do Banco Mundial, editada em 1993 e seguida à risca no Brasil, a coisa complica. A questão de saúde no Brasil é estrutural e de modelo, onde os usuários, os cidadãos, o povo, tem sido tratado como cliente, que deve dar lucro ao sistema.

As poucas idéias boas e projetos que poderiam modernizar e socializar de fato a saúde no Brasil, são sistematicamente descartadas por esse governo. É o caso do SUS - Sistema Único de Saúde, e outros que são consagrados até mesmo na

Constituição. Até os recursos gerados pelo CPMF - um imposto criado para financiar o sistema de saúde pública, são sistematicamente desviados para outros fins. Ou seja, esse governo não atrasa um dia os seus compromissos de pagamento de juros internos e externos sobre a dívida pública brasileira, mas não destina dinheiro para combater epidemias e endemias que voltam a atingir o povo brasileiro, mesmo depois de terem sido praticamente aniquiladas.

Eu, que trabalhei no setor de combate à tuberculose da Secretaria de Saúde do Distrito Federal durante anos, me assusto hoje ao ver que essa doença, que havia praticamente desaparecido como endemia, volta com toda a força. A tuberculose, assim como a dengue e outras doenças, são fruto da ineficiência do sistema de saúde preventiva e da miséria do povo, que cada dia aumenta mais. Ou seja, nosso país cada vez mais se distancia da Bélgica e se aproxima mais da Índia.

A tuberculose já era para ter sido erradicada há anos no Brasil. Desde 1926 existe a BCG, desde 1948 ela é obrigatória, os exames de detecção da doença são comuns e de acesso a todos. Mesmo assim, em pleno 1998, dez pessoas são contaminadas pela doença a cada hora e 14 brasileiros morrem em consequência da tuberculose todos

os dias. São 130 mil mortes por ano no Brasil. A estatística é horripilante e assustadora. De 1988 até 1996, os atingidos pela doença passaram de 90 a cada 100 mil habitantes para 150 por 100 mil habitantes.

E aí está o caso da dengue. O Distrito Federal, uma das áreas menos atingidas pela doença esse ano, já soma 162 casos constatados. Em Minas Gerais são mais de 34 mil. No Espírito Santo, mais de 27 mil, e a contagem macabra vai subindo à medida que o Estado ou município é mais pobre e tem menos recursos.

Gostaria que o ministro José Serra, se é que tem mesmo a preocupação de melhorar o sistema de saúde pública no Brasil, evitando que ele caia totalmente nas mãos dos grupos privados e mercantilistas e com isso deixe sem atendimento a maioria da população que não tem recursos para pagar, fizesse visitas periódicas a hospitais e postos de atendimento da rede pública não só federal, mas estaduais e municipais. Vá ver, ministro, como o povo pobre deste país é tratado. Faltam médicos, enfermeiros e atendentes. Faltam também remédios, leitos e equipamentos, alimentação adequada e até água de boa qualidade.

O combate às fraudes e desvios de dinheiro é importante e deve ser feito com rigor e permanência, mas

deve-se também estabelecer uma política de bom atendimento à população, e isso envolve questões seríssimas. Envolve vontade política e dinheiro. Temos que melhorar o saneamento básico, diminuir a fome dos brasileiros, combater a miséria e muito mais.

O ministro também deveria conhecer algumas soluções encontradas por Estados e municípios, para pelo menos atenuar a falta de uma política nacional e sistêmica de saúde pública. Em Brasília poderia conhecer o projeto Saúde em Casa, implementado pelo governo Cristovam Buarque. Os sistemas de atendimento domiciliares já implantados em Santos (SP), Maringá (PR) ou Ituiutaba (MG), além de outros pequenos mas importantes exemplos que são aplicados por esse Brasil afora.

Há também as sugestões e propostas do Movimento SUS-SOS, envolvendo médicos, paramédicos e trabalhadores em saúde e usuários. Essas propostas contêm soluções viáveis e factíveis que estão dando resultados, como os projetos Saúde em Casa e Médicos de Família.

Enfim, o problema do sistema de saúde pública no Brasil tem jeito. É só uma questão de priorizar o povo e seus legítimos interesses.

* Administrador Regional do Gama, funcionário da Fundação Hospitalar do DF